



## **A construção da horta urbana da ESDI por outros designers vivos** *The construction of ESDI's urban garden by other living designers*

MEIRELLES, Vitória<sup>1</sup>; BIZ, Pedro<sup>2</sup>; BELAY, Helena<sup>3</sup>; SZANIECKI, Barbara<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Mestranda, Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ), vmeirelles@esdi.uerj.br; <sup>2</sup> Doutor, Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ), pedrotrg@gmail.com; <sup>3</sup> Graduanda, Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ), hbelay@esdi.uerj.br; <sup>4</sup> Doutora, Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ), bszaniecki@esdi.uerj.br

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico**

**Resumo:** Este artigo refere-se às atividades de mutirão promovidas pelo coletivo Espaços Verdes (EV) da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2022, na horta da escola. O grupo surgiu em 2015 e utiliza métodos e ferramentas do design para contribuir com ações e projetos de agroecologia urbana e sustentabilidade. No ano de 2022, na retomada das atividades presenciais acadêmicas, o grupo retornou às atividades práticas com a reconstrução da horta, entre outras propostas. As atividades na horta são afetadas e desenvolvidas não só pelos estudantes, mas também por outros frequentadores e moradores daquele espaço. Os estudantes do EV têm o campus como um local de experimentação e transformação do espaço a partir do design e da agroecologia. De modo semelhante, entende-se que outras formas de vida também experimentam e transformam esse espaço comum. Assim, percebe-se que o desenho da horta é uma construção coletiva para além da humana.

**Palavras-Chave:** agricultura urbana; agroecologia; design; sustentabilidade; design com não humanos.

#### **Contexto**

O coletivo Espaços Verdes (EV) localiza-se no centro da cidade do Rio de Janeiro, no campus da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O coletivo surgiu por iniciativa de estudantes, em 2015, e com a finalidade de repensar os espaços ociosos do campus, produzindo atividades relacionadas à sustentabilidade e à agroecologia. Um dos resultados desta iniciativa foi uma horta dentro da escola, utilizada como laboratório para estudar e repensar o design e tendo como base a agroecologia (BIZ et al, 2018).

Essa experiência trouxe para a ESDI a proposta de um design a partir de valores agroecológicos (THEMOTEO et al., 2017; BIZ et al, 2018). E isso é importante, porque ao longo da modernidade, designers contribuíram para a consolidação dos valores como o indivíduo, a economia, a realidade, a ciência, assim como um modelo de desenvolvimento capitalista que homogeneiza e destrói mundos para impor um modelo único e universal de sociedade. Já a agroecologia, por sua vez, tem por princípio enxergar e respeitar uma pluralidade de visões, outras formas de se relacionar com a Terra, outros modos de se viver. Valores agroecológicos



possibilitam pensar em outras formas de estudar e fazer design, contrapondo práticas que insistem em reforçar uma sociedade de um só mundo.

A partir de 2019, os participantes do Espaços Verdes foram parando de realizar atividades - alguns concluíram o curso e outros iniciaram novos projetos -, a horta cresceu organicamente. A chegada da pandemia de Covid-19 ao Brasil em 2020 requereu isolamento social, assim foram interrompidas todas as atividades no campus. Como as árvores da horta estavam muito grandes, prejudicando a visibilidade dos seguranças da escola sobre aquela área, a direção da escola optou por remover a horta, deixando o espaço “limpo” e iluminado. Em 2022, com o retorno das atividades presenciais, um novo grupo de estudantes ocupou o espaço da horta com atividades como mutirões para plantar e cultivar a agroecologia urbana dentro da ESDI.

Este Relato de Experiência irá descrever os mutirões realizados para o cuidado da horta da ESDI entre março e outubro de 2022, em que os estudantes estavam em período letivo e havia uma maior movimentação dentro do campus. Descrevemos como, a partir de ações de experimentação e transformação da horta, pensamos e desenhamos os espaços que habitamos através de e com todas as espécies que habitam aquele espaço. Dessa maneira, discutimos como a agroecologia, que é um campo de conhecimento plural e em constante construção (GIRALDO, 2022), atravessa e pode influenciar o design a partir de outras perspectivas que desenham, influenciam, criam, transformam e definem o espaço, no caso, a horta na ESDI.

### **Descrição da Experiência**

No período assinalado, utilizamos o mutirão para reconstrução da horta. Essa é uma forma de mobilização coletiva antiga, utilizada por diversos povos para realizar práticas comuns (TESTORI; D'AURIA, 2018). Nos mutirões na horta da ESDI, todos os participantes desempenhavam e revezavam as funções de trabalho na horta, sem hierarquia. Esses encontros não tinham uma duração nem periodicidade fixa e o número de participantes variava conforme a disposição e disponibilidade dos envolvidos.

Nós registramos os mutirões por fotografias através de aparelhos celulares e, posteriormente, reunimos e armazenamos essas fotos em uma plataforma online compartilhada. Selecionamos algumas dessas imagens para divulgar na rede social *Instagram* no perfil do Espaços Verdes<sup>1</sup>, como forma de dar visibilidade ao trabalho.

Encaramos como protagonistas, dentro da atividade do mutirão e no cuidado da horta, não apenas os humanos, mas também, outras espécies que habitam e atuam sobre aquele espaço. Reconhecemos que outras espécies, os não humanos, atuam de forma ativa e colaborativa na construção do espaço (HARAWAY, 2016). Então

---

<sup>1</sup> <https://www.instagram.com/esdi.verde/>



assumimos que os envolvidos no mutirão são todos os praticantes daquele espaço, no qual cada um intervêm à sua maneira.

A agricultura urbana não tem uma escala determinada – pode acontecer tanto em um vaso de plantas em uma varanda quanto em um terreno baldio. Também, não serve somente para comer ou vender, pode servir para relaxar ou se divertir. Os canteiros da horta da ESDI, pequenos e amadores, apresentam baixa produtividade de alimentos para consumo humano. Os alimentos que cresceram, ao ponto de colheita, foram destinados aos próprios estudantes-participantes ou aos funcionários da escola. Entretanto, a horta proporciona um espaço de interação com o meio ambiente, os seres que ali habitam e os estudantes que se interessam por agricultura urbana. Além de um espaço de relaxamento e divertimento, é um espaço de aprendizado e reflexão acerca de modos de fazer design.

Assim que começou o ano letivo de 2022, decidimos fazer a manutenção da horta. Logo que chegamos encontramos um ser peculiar, figura (1). Ele foi registrado no dia 18 de março de 2022, habitando o espaço, mais especificamente, se deliciando com as folhas de pimentão que havíamos plantado no ano anterior. Descobrimos por meio de uma pesquisa por imagem, que se tratava de duas espécies, era uma lagarta sendo parasitada por casulos de vespas. Além do encontro inesperado com aquele ser composto, nossas atividades daquele dia se resumiram em cortar a bananeira, fazer cobertura vegetal com as suas folhas para proteger o solo e as plantas do plantio do ano anterior, e realocar a tela de proteção da horta para dificultar a entrada dos gatos da ESDI.

No mês seguinte, começamos a investir na criação de canteiros com madeiras que sobraram de obras nas instalações da ESDI. As plantas já apresentavam aparência melhor, pois a cobertura vegetal das folhas reduziu a evaporação da água na terra, garantiu água no solo por mais tempo e possibilitou um crescimento com mais tranquilidade. Desenhamos os canteiros em uma linha reta, conforme na figura (2), no dia 29 de abril de 2022, conectando as plantas que estavam maiores. As menores, que ficariam de fora, foram transplantadas para dentro dos canteiros. Entendemos que a construção dos canteiros serve para facilitar aos visitantes humanos o deslocamento sem pisar em alguma planta, além de organizar e estruturar para onde cada planta pode crescer. O processo de construção dos canteiros demorou mais alguns mutirões.

No dia 27 de maio de 2022, seguimos ainda com a construção dos canteiros, conforme na figura (3), porém algumas plantas não estavam se adaptando aos seus novos espaços e optamos por desmanchar os dois canteiros e focar naqueles com plantas saudáveis. Para algumas plantas sobreviventes, optamos por fazer canteiros menores com troncos de árvores. Apesar disso, as Taiobas estavam respondendo bem e em pleno crescimento ao lado das bananeiras, sob a sombra das árvores de fora dos muros da ESDI e das próprias bananeiras. As Taiobas se tornaram o ingrediente principal para o caldo verde do Arraesdi, festa junina da ESDI ocorrida em 15 de julho de 2022.



No mês de setembro, começamos uma atividade em paralelo de mapear todas as plantas presentes no campus. Depois, decidimos tentar germinar sementes de plantas com flores, como Camomila e Dália Singela, para atrair outros viventes para o espaço. As sementes germinaram, contudo os gatos pisaram nas jovens mudas que não resistiram. A figura (4) mostra o espaço que escolhemos para a sementeira. Com o tempo, outras espécies foram atraídas para o local e, em decorrência ao crescimento das plantas, muitas aranhas começaram a desenhar seus espaços através das suas teias entre as plantas e a tela em volta da horta.



Figura (1)



Figura (2)



Figura (3)



Figura (4)





## Resultados

Durante o período do projeto, em que desenhamos a horta da ESDI, nos relacionamos diretamente com esses viventes que produzem mundos. Entendemos que um projeto de design para a horta é colaborativo e dependente dos outros seres além dos humanos. A horta é um espaço de composição de todos os viventes, uma coparticipação para um desenho que nunca estará finalizado mas sim em um ciclo de construção e de destruição.

A horta da esdi está em constante modificação, sendo desenhada e redesenhada a todo momento. Há viventes nesse espaço independente das ações humanas, que vão e voltam com seus próprios movimentos e tempos. Segundo Emanuele Coccia no livro *A vida das plantas* (2018), a natureza da vida é ser fluida, estar em um eterno movimento, não levando em consideração o estado físico (líquido, gasoso, sólido) no mundo presente. Nossas ações nos mutirões reagem a esses movimentos em que plantas se desenvolvem, ou não se desenvolvem, ou insetos e larvas cobrem folhas e aranhas tecem suas teias costurando a tela que cerca a horta.

Não vivemos em mundos isolados. Assim como os humanos, percebemos que todos os viventes podem construir e destruir o espaço. “Viver é essencialmente viver da vida de outrem: viver na e através da vida que outros souberam construir ou inventar.” (COCCIA, 2018, p. 14). Mesmo com a “limpeza” do local e destruição da horta pela direção da ESDI, num determinado momento, a vida continuou ali, construindo e inventando. Minhocas, besouros e outros insetos faziam do solo sua moradia e vegetações de crescimento espontâneo que ocupavam aquele local, construíram relações vivendo naquele espaço, um contribuindo com o outro e, dessa forma, mantendo o solo vivo.

As pequenas vegetações que crescem espontaneamente e podem parecer um acidente, resultam de complexas interações com todos os seres viventes. Tompkins e Bird (1976) descrevem no livro *A vida secreta das plantas* diversos experimentos, demonstrando como as plantas são sensíveis, podem ver, sentir, ouvir, agir, reagir, interagir e mover com/como qualquer outro vivente orgânico ou inorgânico. Assim, as plantas são capazes de estabelecer uma malha de relações mais densas - íntima e elementar - do mundo (COCCIA, 2018, p. 13). Se não considerarmos essa malha complexa em nossos projetos, estaremos sempre fadados a fazer design do modo que sempre fizemos: impondo nosso mundo sobre o mundo dos outros.

O cultivo do conhecimento da agroecologia nos abre a novas perspectivas e nos faz pensar em como podemos projetar com esses outros viventes. Dentro de uma escola de formação de designers - profissionais que desenham futuros - é essencial refletir sobre formas alternativas de projetar que incluam todas as formas de vida respeitando seu tempo e sua construção. Os espaços, que nunca são neutros, sempre apresentam abundantes números de linhas dos viventes produzindo a malha da vida, onde essas linhas têm potencial de afetar de construir e destruir



(MIZOGUCHI, 2015, 203). Entendemos, então, que outros viventes também desenham o mundo e devemos aprender como podemos co-desenhar mundos para conviver em equilíbrio.

### Referências bibliográficas

BIZ, Pedro; COSTA, Diego; THEMOTEO, Pedro; SOARES, Flavia; SZANIECKI, Barbara; ANASTASSAKIS, Zoy. "**Design micelial**: uma proposta para agricultura urbana a partir dos projetos do Laboratório Espaços Verdes da ESDI/UERJ" Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia, Número 53, 2018.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**. Florianópolis, Santa Catarina: Cultura e Barbárie Editora. 2018.

GIRALDO, Omar Felipe. **Multitudes Agroecológicas**. Municipio de Ucú, Yucatán, México: Universidad Nacional Autónoma de México e Escuela Nacional de Estudios Superiores Unidad Mérida. México, 2022.

HARAWAY, Donna. Tentacular Thinking: Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene. e-flux journal #75. 2016. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/75/67125/tentacular-thinking-anthropocene-capitalocene-chthulucene> Acessa em: 15 de julho de 2023.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Experiência e narrativa**: artefatos políticos de pesquisa. In: Ecos, Estudos Contemporâneos da Subjetividade. Vol. 5, n.2, 2015.

TESTORI, G.; D'AURIA, V. Autonomía and Cultural Co-Design. Exploring the Andean minga practice as a basis for enabling design processes. **Strategic Design Research Journal**, v. 11, n. 2, pp. 92-102, May-August 2018.

THEMOTEO, Pedro; COSTA, Diego; BIZ, Pedro. **Design plantado**: questões para desenvolvimento do método.. In: Anais do SPGD 2017. Anais...Rio de Janeiro(RJ) PPDESDI, 2018.

TOMPKINS, Peter; BIRD, Christopher. **A vida secreta das plantas**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1976.